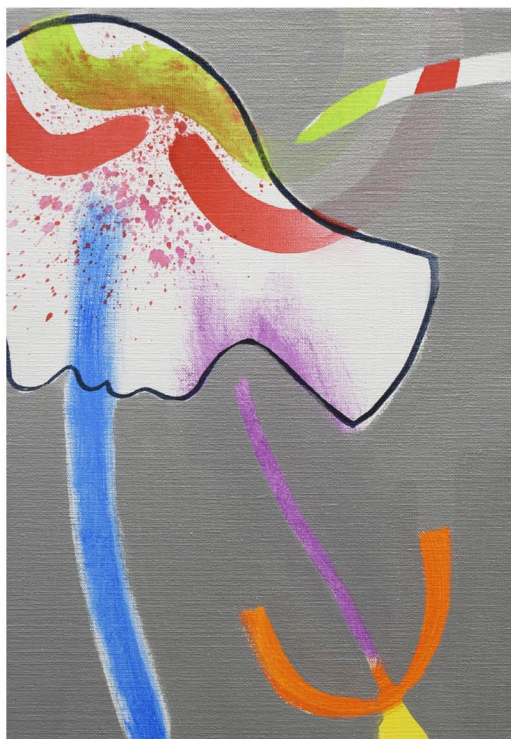


REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



FRONTEIRAS

VOLUME 35. 2.^a SÉRIE - 2017

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

das esmolos ou o seu valor. O foco na assistência domiciliária é também um aspeto positivo, pois aborda uma temática ainda pouco explorada pela historiografia nacional, assim como a importância dada ao estudo das esmolos, tanto em dinheiro como em género, fundamentais para o sucesso da assistência.

Em suma, podemos considerar que estamos perante uma obra de grande qualidade e inovação. Recomenda-se a sua leitura, não só para aqueles com particular interesse nesta temática, mas para os historiadores em geral.

JOSÉ LUÍS DOS SANTOS BARBOSA
Mestrado em História Moderna da FLUC
jlsb101088@gmail.com
orcid.org/0000-002-1459-209X

Ana Isabel Buescu, *A livraria renascentista de D. Teodósio I, duque de Bragança, Estudos*, Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2016, 385 p., ISBN: 978-972-565-577-1.

A presente obra de Ana Isabel Buescu resulta de um projeto de investigação, com uma equipa interdisciplinar, destinado a estudar o património de D. Teodósio I, 5º duque de Bragança, concretamente: *De todas as partes do mundo. O património do 5º duque de Bragança, D. Teodósio I (2010-2013)*, financiado pela FCT.

Neste projeto coube à autora estudar a parte do inventário respeitante à livraria, que compreende cerca de 1600 entradas de um total superior a 6000, excetuando os livros guardados fora da livraria, nomeadamente os que se localizavam na capela do paço e os núcleos respeitantes a Arquitetura, Livros em grego e em hebraico, Medicina e Música, os quais foram entregues aos cuidados de outros investigadores do projeto. Como fonte para o empreendimento deste estudo recorreu a uma cópia seiscentista do Inventário de Bens do património brigantino lavrado após a morte de D. Teodósio, em 1563, integrado no núcleo documental do Arquivo Histórico da Casa de Bragança.

Apesar de se tratar de uma livraria «fisicamente desaparecida» (p. 15) foi analisada no sentido de proceder à identificação das obras, nas várias secções que a compõem, tendo como culminar da investigação a reconstituição, tanto quanto possível, do seu acervo, de modo a traçar quer a sua fisionomia, quer as suas «linhas-de-força» (p. 16). No fundo, procura dar uma visão global da livraria à luz do seu contexto histórico, cultural e ideológico. No entanto, a autora não descarta a integração e avaliação da livraria no contexto

da totalidade dos bens constantes no inventário do duque, salientando a indissociabilidade de inserção da livreria na totalidade do patrimônio, para que se apure o seu significado.

A obra compreende quinze capítulos, partindo de uma contextualização das trocas culturais entre Portugal e a Casa de Bragança no século XVI, no primeiro capítulo: «1. Dinâmicas culturais em Portugal e a Casa de Bragança no século XVI»; no segundo, «2. Livrerias régias e senhoriais nos séculos XV e XVI e a livreria de D. Teodósio I» faz uma análise comparada da livreria do duque com a de outros membros da nobreza; por último, parte para a análise da livreria, que se estende do capítulo terceiro, «3. A livreria no contexto do inventário do patrimônio ducal, ao capítulo catorze», «14. A composição da livreria. Proveniências, circuitos e agentes: uma sondagem» e conclui com uma avaliação da livreria de D. Teodósio I no contexto do patrimônio brigantino, «15. A Casa de Bragança na livreria de D. Teodósio I».

Na «Introdução» do estudo a autora expõe os objetivos e questões a que se propõe responder, bem como as limitações com que se deparou no decorrer da investigação. Pretendendo dar uma visão global de uma «biblioteca sem paralelo no Portugal do século XVI» (p. 16), a autora dedica-se ao estudo da livreria ducal, nas suas diversas componentes: a livreria no contexto do patrimônio ducal; os núcleos temáticos que a compõem; obras identificadas, metodologias e limitações; avaliação do conjunto da livreria e suas características; idiomas que albergava; avaliação dos livros; os manuscritos e os impressos; livros defesos; a relação do duque de Bragança com os livros e a questão do mecenato; e, uma sondagem relativamente às proveniências do acervo da livreria. Sobre as barreiras que lhe foram surgindo ao longo do estudo refere: a orgânica da fonte, grandemente desorganizada no que à livreria diz respeito, com dados muito deficientes, lacunares e deturpados, concretamente: a ausência, em muitos casos, do nome da obra e do ano de edição, entre outros.

A primeira parte da obra dedica-se ao enquadramento cultural da livreria de D. Teodósio I no seu tempo, estabelecendo uma articulação com o posicionamento social da Casa de Bragança no século XVI. Aqui destaca a importância da corte régia e nobreza portuguesas na promoção de trocas culturais que propiciaram a entrada da cultura humanista em território luso, salientando que, em grande parte, se deve às relações económicas e comerciais estabelecidas com cidades italianas como Veneza e Florença e com a Flandres. Tal abertura cultural tornou-se mais efetiva a partir da década de trinta do século XV, fortemente promovida pelos príncipes de Avis, que atribuíam grande importância à cultura escrita e que dela foram impulsionadores, mas também protagonistas, servindo-se desta como um meio de afirmação e consolidação de poder da nova dinastia. Neste

contexto destaca alguns monarcas, a saber: D. João II, D. Manuel I e D. João III, elencado as iniciativas régias que mais marcaram cada reinado e que deram um maior contributo para a construção de um Portugal mais culto e instruído. Sobre a Casa de Bragança refere que se «constituiu um caso singular de ascensão e de consolidação de uma grande casa nobiliárquica» (p. 42) e que se serviu da promoção da cultura como um meio de ascensão social, tornando-se num «centro polarizador e dinamizador de cultural» (p. 44), no Portugal de Quinhentos.

«2. Livrarias régias e senhoriais nos séculos XV e XVI» é o título da segunda parte deste estudo na qual a autora discorre sobre o significado das mais de 1600 entradas da livraria do duque, em termos de dimensão, no contexto da cultura escrita e erudita de Seiscentos, e das livrarias aristocráticas da época, visando inserir a livraria ducal no contexto do seu tempo e esclarecer o seu significado histórico. Aqui opta por uma perspetiva comparada da dimensão da livraria do 5º duque de Bragança com a de outras coleções, contemporâneas, pertencentes à nobreza e à monarquia – como as livrarias de D. Duarte e de D. Manuel I –, mas também tecendo considerações relativamente a livrarias de particulares e universitárias.

Do capítulo terceiro ao décimo quinto o leitor faz uma viagem pela livraria de D. Teodósio. Começando pela inserção da livraria no âmbito do vasto património brigantino, a autora procura esclarecer a importância e o local ocupado pela livraria no conjunto de bens da Casa de Bragança, atentando ao conteúdo do inventário para que melhor se entenda o lugar dos livros comparativamente a todos os outros itens. No conjunto do inventário, a autora apurou que os livros são o objeto com maior expressão, perfazendo um total de 1657 entradas (sendo que 82 destas entradas correspondiam ao espólio guardado fora da livraria) e que «Em termos percentuais, os livros alcançam mais de 25% do total dos objectos inventariados» (p. 87). Todavia, percebe que a quantidade dos livros inventariados é inversamente proporcional ao seu valor. De salientar que, ao longo do estudo, a autora acompanha a sua exposição com gráficos respeitantes aos resultados que apresenta, algo de muito útil para o leitor. Seguidamente, dos capítulos 4 a 11, as atenções centram-se na análise do acervo bibliográfico, nomeadamente nas 22 secções temáticas que alberga, nas obras identificadas, nos livros defesos que contém e nos idiomas das obras. Do capítulo 12 a 15, a autora reflete sobre algumas ações culturais de D. Teodósio, nomeadamente: o projeto gorado de fundar um estabelecimento de Estudos Superiores em Vila Viçosa; a relação de D. Teodósio com os livros e a prática do mecenato; a origem do espólio livreiro: proveniências e agentes; e, conclui com uma reflexão sobre a presença da Casa de Bragança na livraria ducal.

Para concluir, diríamos que a presente obra é de excelente qualidade e seriedade, talvez mais direcionada para um leitor acadêmico ou conhecedor destas temáticas, muito bem documentada e estruturada, destacando-se por uma linguagem acessível e grande capacidade de articulação de saberes, bem como de colocar questões úteis para uma reflexão e leitura informadas. Em suma, é uma obra de referência para todos os estudiosos do papel das livrarias na Época Moderna.

MARIANA RAMOS FONSECA
Mestranda em História Moderna, na Fluc
mariana613@sapo.pt
orcid.org/0000-0002-7664-553x